



Revista  
Symposium

# A compreensão e o lugar da abordagem centrada na pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo

Carmem Barreto \*

*Em qualquer época, nossa concepção científica do mundo corresponde a um padrão. Certamente, há acontecimentos e fenômenos que não se encaixam, mas são deixados de lado até que comecem a se acumular e não possam continuar ignorados. Então, um Copérnico ou um Einstein nos fornecem um padrão completamente novo, uma nova concepção do mundo.*

Carl Rogers

**Resumo:** Este artigo aborda a crise que se instala na teoria da Terapia Centrada no Cliente, genericamente identificada como Abordagem Centrada na Pessoa, enfocando possíveis mudanças na sua proposta teórica, necessárias para atender à demanda da realidade contemporânea.

A análise da evolução da produção de seu idealizador, Carl Rogers, permite identificar o contexto em que foi desenvolvida, as influências que sofreu e as mudanças que foram sendo processa-

das na década de oitenta, mas que não foram sistematizadas numa nova fase, apesar de apresentarem construtos teóricos condizentes com a realidade apontada pela contemporaneidade.

Reconhece a necessidade da comunidade científica vinculada a essa abordagem continuar produzindo, buscando legitimar a Abordagem Centrada na Pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo.

**Palavras-chave:** terapia centrada no cliente, abordagem centrada na pessoa, epistemologia, modernidade, contemporaneidade.

**Abstract:** This paper refers to the crisis that has taken root in the theory of the Client-Centered-Therapy, generally identified as individual-centered-approach, and focusses on possible changes in its theoretical proposition which are necessary to answer the demands of contemporary reality.

An analysis of the evolution of the writing of its creator, Carl Rogers, permits identification of the context in which it was developed, the influences received and the changes made in the eighties but these were not systematized in a new phase in spite of presenting theoretical constructs arising from contemporary reality.

It recognizes the need for the scientific community connected to this approach to continue to produce, to look to legitimate the individual-centered-approach in the contemporary scientific socio-cultural space.

**Key Words:** Client-centered-therapy - individual-centered-approach, epistemology - modernity - contemporaneity.

## 1. Preâmbulos

O momento atual da construção de conhecimento na Psicologia é caracterizado por uma ruptura, em que se questionam as produções teóricas fundamentadas no paradigma científico da modernidade, que se caracteriza por apresentar um real tecnicamente manipulável, na forma efetiva de controle ou na forma simbólica do cálculo. A

\* Psicóloga-clínica, psicoterapeuta, professora-assistente da Universidade Católica de Pernambuco, especialista em Psicologia Clínica pela UFPE, mestrandia em Psicologia Clínica pela UNICAP.

episteme moderna, fundamentada na representação, através da racionalidade instrumental, apresenta uma visão de mundo respaldada pela hipótese universal do paradigma mecanicista newtoniano, em que o pressuposto metateórico é a concepção de ordem, certeza, organização e estabilidade do mundo, com um conhecimento construído tendo como ponto de partida a formulação de leis universais e um conceito de tempo reversível.

No final dos anos sessenta, os dogmas positivistas do marxismo e do estruturalismo começaram a entrar em crise, apresentando categorias que não mais correspondiam aos fatos sociais e aos fenômenos humanos. O racionalismo, que busca relações de causa e efeito na sociedade, apresenta categorias que não mais correspondem à realidade contemporânea, que se apresenta constituída por acontecimentos aleatórios e antagônicos, muito mais próxima de uma leitura que poderia ser chamada de não-racional e que inclui o imaginário, o sensível, os sentimentos, as fantasias, tudo o que constitui a vida psíquica das pessoas.

Tendo como ponto de partida essas reflexões, questiono o espaço que a Abordagem Centrada na Pessoa - A.C.P. - ocupa no momento científico-sociocultural contemporâneo e no qual possíveis leituras pode apresentar dos fenômenos que hoje vivemos, típicos de uma sociedade multifacetada e globalizada. E ainda, que releituras e mesmo que desconstruções precisam ser elaboradas para que possa contribuir significativamente para uma prática atenta às demandas da realidade contemporânea.

Para atingir esse objetivo, é necessário acompanhar o processo do pensamento rogeriano, procurando identificar o contexto em que foi desenvolvido, bem como as influências que sofreu e as mudanças que foram sendo processadas durante o período em que foi produzido. Muitas delas não chegaram a ser sistematizadas como um novo momento de sua produção, deixando como consequência um vácuo entre a Teoria da Terapia Centrada no Cliente, marco teórico de sua produ-

ção nas décadas de quarenta e cinquenta, e a produção elaborada na década de oitenta, quando desenvolvia atividades com Grandes Grupos Intensivos e Encontros de Comunidade.

Quanto à necessidade de releituras e possíveis desconstruções de conceitos, iremos, no desenrolar desta comunicação, levantando alguns pontos de reflexão que ainda se encontram em estado embrionário, mas que já sugerem algumas possíveis direções.

## 1. A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA EM ROGERS

Iniciando a análise da estrutura epistemológica dos fundamentos teóricos da Terapia Centrada no Cliente, genericamente identificada como Abordagem Centrada na Pessoa, percebe-se a preocupação de Rogers com a comprovação científica dos dados observados na prática clínica. Durante a década de cinquenta - período que sistematizou os construtos teóricos de sua proposta terapêutica -, apresentou um modelo positivista, adequado à matriz cientificista do projeto de constituição da psicologia como ciência independente, impregnada da noção de verdade científica vigente no processo de construção da ciência moderna, que se caracteriza pelo conhecimento representacional e se expressa através de idéias, noções, conceitos e teorias.

Apesar de confirmar a validade do método Positivista, Rogers iniciou gradativamente questionamentos com relação a sua utilização e às opções dentro das quais ele é praticado, tendo como referência a sua experiência como terapeuta e a dimensão múltipla, complexa e paradoxal do processo terapêutico. A ciência não é em si mesma questionada por ele, mas seu uso e, posteriormente, seu significado. Rogers vai propor, nesse momento, não outro tipo de ciência, mas outro uso, outro significado e outros problemas a partir de outras escolhas prévias que, apesar de identificar, não consegue incorporar no modelo de ciência positivista vigente. Não propõe uma ruptura com esse modelo, chegando, então, a uma atitude de



conciliação, em que reconhece a dimensão subjetiva da produção científica. Foi nessa linha que, na fase da Terapia Centrada no Cliente, Rogers desenvolveu suas pesquisas na tentativa de comprovar cientificamente, pelo método reconhecido na época, a validade de sua proposta terapêutica. Propõe que a ciência vise ao humano, enfatizando objetivos processuais e a dimensão subjetiva da escolha e, conseqüentemente, da produção científica, mas continua valorizando o método científico de orientação positivista, pois acredita que só através dele é possível tornar respeitável o conhecimento produzido pela psicologia.

Entre as tradições científicas com que Rogers se familiarizou durante sua formação de pesquisador e psicólogo, encontramos, de um lado, uma perspectiva teórica vinculada ao funcionalismo biológico, com uma postura positivista e pragmática, e, de outro, sua experiência enquanto terapeuta associada à influência posterior do existencialismo de Kierkegaard e da relação dialógica proposta por Buber.

Talvez, devido a uma formação como pesquisador orientada pela concepção positivista de ciência, Rogers não tenha conseguido, durante o período da construção da teoria da Terapia Centrada no Cliente, assumir uma proposta epistemológica que lhe permitisse abordar a complexidade dos modos de subjetivação, apesar de progressivamente iniciar um processo de revisão metodológica, visando a caracterizar uma ciência do humano ou, como indica Figueiredo (1991), afastar-se de uma “Epistemologia Forte”, normativa e judicativa, e assumir uma “Epistemologia Fraca”, que se interessa pelas histórias factuais, questiona o além do saber e situa-se no campo da Ética. O mesmo parece ter acontecido com os desdobramentos que foram emergindo, à medida que se processava a aplicação da perspectiva advinda da teoria da Terapia Centrada no Cliente às áreas de educação e dos grandes grupos. Nessa situação, apesar de indicar articulações e reformulações de conceitos, utilizando referên-

cias provenientes de sua vivência nos grandes grupos articuladas às novas descobertas da ciência que surgiam como conseqüência de uma ruptura com o modelo tradicional da modernidade, Rogers também não sistematizou esses dados, não os incluindo numa reformulação teórica da sua proposta.

É importante ressaltar que, a partir da década de oitenta, reconhece a dificuldade de explicar os fenômenos observados nos grupos intensivos através dos paradigmas clássicos da ciência psicológica e inicia uma articulação com a noção positiva do caos, presente nos trabalhos do químico-filósofo Ilya Prigogine. A partir de então, redimensiona algumas das noções de sua proposta teórica, apresentando os conceitos de “Tendência Formativa” e dos “Estados Alterados de Consciência”. Esses conceitos representam uma certa sintonia com a perspectiva de Prigogine, cujo sistema teórico inclui a noção de “Estruturas Dissipativas”, onde as flutuações produzidas durante a troca de energia com o ambiente implicam dissipação de energia, levando o sistema a uma ordem nova, mais complexa que a anterior.

Neste momento, apresentava-se muito mais preocupado com a paz mundial e a possibilidade de uma vida humana digna do que em comprovar cientificamente, nos moldes clássicos da ciência moderna, as aprendizagens que vinha realizando no trabalho com grupos e na formação de comunidades. Diante dessas experiências, reconhece novas tendências e conhecimentos, *que alteram toda a nossa concepção sobre as potencialidades do indivíduo, que mudam nossa percepção da “realidade”, que modificam a nossa maneira de ser e de nos comportar, que alteram nosso sistema de crenças* (1983a : 126)

## 2. MUDANÇAS NO PARADIGMA CIENTÍFICO: UMA NOVA VISÃO DE MUNDO PARA A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A ciência contemporânea, entendendo por contemporaneidade *pensar o efeito das novas tecnologias comunicacionais e cognitivas sobre as estruturas clássicas e*

*modernas da verdade, do sujeito, da história e do mundo* (D'Amaral 1996, p.13), apresenta um modelo de ciência pluralista, respeitando uma multiplicidade de questionamentos e culturas, cuja mensagem parece se integrar em um campo cultural mais vasto, inaugurando, provavelmente, uma nova área do saber. O pensamento contemporâneo define-se por oposição ao projeto de emancipação e auto-afirmação do homem pela racionalização. Apresenta, no lugar do saber sistemático, o pluralismo dos saberes; no da lei universal, a heterogeneidade das regras. As distinções tradicionais entre sujeito e objeto, entre ciência e filosofia representam construções sociais estruturadas por uma determinada sociedade científico-cultural e, como tal, podem e devem ser interrogadas e questionadas. Fica cada vez mais evidente a integração entre ciência e cultura, *tanto a ciência como a cultura são processos construtivos e construídos por processos sociais* (Schitman 1996, : 11).

As ciências estão hoje engajadas em um processo de remodelação conceptual, contrapondo-se à noção ocidental de que o mundo estaria sujeito a Leis Gerais Deterministas que explicariam, inclusive, a vida e a consciência, e a noção de Tempo Reversível. A visão da ciência moderna foi produto de uma determinada cultura que reagiu a certas concepções antigas como o aristotelismo, a magia e a alquimia, concepções essas que enfatizavam a relação do homem com a natureza.

Mas é chegado o momento de reconhecer as limitações de seus pressupostos, que representam uma leitura de uma situação histórico-sociocultural definida e, como tal, contribuíram para a evolução do conhecimento, mas não podem ser consideradas como leis representativas de uma realidade universal.

Estamos diante de um Universo fragmentado, rico de diversidade e de acasos, com a revelação de uma natureza complexa e múltipla, que não pode mais ser explicado por paradigmas científicos que se baseiam em leis gerais e em um concei-

to de tempo reversível. Essa passagem, de uma descrição da natureza semelhante a um autômato submetida a leis matemáticas e deterministas para uma situação teórica diferente que situa o homem no mundo que ele mesmo descreve, gera uma crise paradigmática. Fica difícil assimilar, dentro dos pressupostos da ciência moderna, o fato de que o conteúdo das teorias científicas podem ter algo a ver com as relações entre o homem e a natureza, e mais ainda: *que a ciência faz parte do complexo de cultura a partir do qual, em cada geração os homens tentam encontrar uma forma de coerência intelectual* (Prigogine 1991, : 1).

Estamos num mundo irreduzivelmente aleatório, onde a reversibilidade e o determinismo refletem casos particulares, trazendo a visão de um Universo composto essencialmente por sistemas instáveis, menos previsível, mais complexo e, conseqüentemente, delegando à ciência o objetivo de reforçar as relações entre o homem e o Universo. *Dentro desta visão, o tempo do homem torna-se a expressão exacerbada, talvez a expressão suprema, das leis fundamentais da natureza* (Prigogine 1993, :49).

Após essa breve apresentação do novo paradigma da ciência contemporânea, tentaremos reconstruir, através de fragmentos do pensamento de Rogers, algumas reações que foi apresentando às mudanças observadas no paradigma científico da modernidade, tentando identificar elementos que indiquem uma possível "desconstrução" com relação ao modelo da ciência clássica da modernidade.

De início, vamos acompanhar um pouco o caminho que percorreu, para onde, reconhecendo as perturbações que as novas descobertas trazem para o modelo clássico de ciência, aponta as reformulações que já se processavam na sua maneira de constatar a realidade.

Entre elas, destacamos algumas:

*Nesse novo paradigma, matéria, tempo, espaço desaparecem como conceitos significantes (...) O velho paradigma não serve mais* (Rogers, 1983b.: 11).



*A busca por uma unidade natural do Universo foi infrutífera. Ela não existe, toda a nossa percepção da realidade se desvaneceu em irrealidade. Nosso mundo era diferente de qualquer coisa que tivéssemos imaginado. Não existe solidez nele. (Rogers, 1983b :11).*

*Novas epistemologias e filosofias da ciência consideram o conceito linear de causa e efeito da ciência apenas como um pequeno exemplo dos diversos caminhos do conhecimento. (...) Esses novos caminhos da ciência revolucionarão a nossa maneira de estudar e perceber o mundo, especialmente o mundo biológico e humano ( Rogers, 1983a:127).*

Posteriormente, observa, com certa surpresa e perplexidade, que as novas mudanças apresentadas, com relação ao paradigma científico da modernidade, apontam para uma compreensão mais plena do universo, onde a ordem e a complexidade emergem do processo de entropia.

Imerso nesse contexto de mudança de perspectivas, que apresentam uma nova visão de mundo e de realidade, Rogers refere-se a várias descobertas e teorias elaboradas por físicos, químicos e biólogos, encontrando nelas implicações diretamente relacionadas aos fenômenos que vinha experienciando nas atividades que, no momento, desenvolvia com grupos. Seguindo no exame da nova perspectiva paradigmática, Rogers vai iniciando articulações com suas experiências, apontando novas formulações para algumas premissas representativas de sua proposta inicial da teoria da Terapia Centrada no Cliente.

Alguns exemplos:

*A tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente e a uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no ser humano (1983a : 45).*

*Um sistema como esse é instável, tem flutuações ou "perturbações", como diz Prigogine. À medida que aumentam, essas flutuações são transmitidas através das várias conexões do sistema e, assim, o dirigem - seja ele um componente químico ou ser humano - para um estado novo,*

*alterado, mais ordenado e coerente que o anterior. Esse novo estado possui uma complexidade ainda maior e, portanto, um potencial ainda maior para provocar mudanças (1983a, : 49).*

*A teoria de Prigogine parece esclarecer questões como a meditação, as técnicas de relaxamento e os estados alterados de consciência, nos quais as flutuações aumentam de várias maneiras. Ela vem corroborar o valor dado ao reconhecimento e à expressão total dos sentimentos - sejam eles positivos ou negativos - o que permite uma total perturbação do sistema (1983a,: .49).*

À medida que Rogers vai abrangendo toda a amplitude dos temas que vem trabalhando, vai gradativamente formulando conceitos mais amplos que, vinculados ao seu processo experiencial, vai transformando, ainda que de maneira bastante inicial, segundo ele próprio, sua visão de mundo, de realidade e de ciência. Esse processo vai sendo descrito através de novas formulações que demonstram uma tentativa de libertação dos postulados positivistas e fundacionistas, como é o caso da formulação do conceito de Tendência Formativa, (vide Rogers, 1983a).

Apresenta uma real preocupação com a questão das mudanças que vinham acontecendo na vida moderna e questiona-se sobre as conseqüências dessas manifestações que *constituem uma "massa crítica" que produzirá mudanças sociais* (1983a : 128). Reconhece, nesse mesmo artigo, que *à medida que estas novas maneiras de entender o indivíduo e o mundo se tornarem cada vez mais o alicerce de nosso pensamento e de nossa vida, as transformações serão inevitáveis* (129).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter apontado para a insuficiência dos conceitos modernos de tempo, espaço, objeto, matéria, causa e efeito e de ter reconhecido que não mais representam a realidade, Rogers não realiza uma revisão dos construtos básicos da Teoria da Terapia Centrada no Cliente. Permanecem os conceitos de Self, de Pessoa, de Tendência Atualizante, construídos nas décadas de quarenta e cinquenta, que revelam uma perspectiva vitalista,

naturalista e essencialista, ao lado dos conceitos de Estados Alterados de Consciência e de Tendência Formativa, construtos da década de oitenta, que apresentam ressonância com a produção científica contemporânea, associados às noções de **instabilidade, caos e entropia**.

O salto da atividade psicoterapêutica individual para uma atividade como facilitador de grupo indica claramente uma mudança nos objetivos e na prática psicológica de Rogers, que, como consequência, trouxe informações e aprendizagens que apontavam para a necessidade de uma reformulação teórica que respondesse às exigências advindas de uma demanda culturalmente inserida numa dada realidade que não mais poderia ser abarcada por uma teoria que representava outro momento social e cultural. Rogers, no entanto, não chegou a estabelecer uma nova relação entre teoria e prática, o que necessariamente implicaria uma revisão e até desconstrução de construtos da Teoria da Terapia Centrada no Cliente. Essa situação coloca a Abordagem Centrada na Pessoa num imobilismo teórico que pode ameaçar a legitimidade de sua prática, a despeito de sua comprovada eficácia.

Por esse motivo consideramos importante identificar, através de uma análise da evolução da Abordagem Centrada na Pessoa, a influência que a prática nos grandes grupos e as produções advindas da ciência contemporânea tiveram no pensamento de Rogers, de modo a reconhecer os movimentos que realizou, para superar uma determinada orientação metodológica, tentando encontrar indicadores para um desenvolvimento teórico consistente e que correspondesse à realidade apresentada pela demanda advinda da prática que então exercia.

Ele não parou de produzir. Mesmo nos seus últimos anos de vida, apresentava-se interessado pelo futuro da ciência e da humanidade. Longe de assumir uma postura acomodada, interessava-se em vislumbrar possibilidades para o futuro do mundo e da humanidade, reconhecendo a crise

transformacional que o mundo atravessava, que expressava da seguinte forma:

*Porque será que, como indivíduos e como nações estamos experienciando estes incríveis sobressaltos? É minha convicção que isso se deve a numerosas mudanças de paradigma, que estão ocorrendo simultaneamente. A inevitabilidade destas mudanças tem literalmente abalado as raízes de nosso físico, psicológico, econômico e espiritual (Rogers, 1983b:9).*

A partir desse processo vivido por Rogers, é urgente e necessário continuar questionando a teoria a partir da prática clínica, para desse modo marcar o lugar da Abordagem Centrada na Pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo, conferindo-lhe legitimidade como uma proposta que se apresenta aberta para a complexidade da realidade contemporânea, assumindo a incompletude de uma abordagem em relação às outras, como também o reconhecimento de que cada uma expressa tanto as possibilidades como as impossibilidades de compreender a complexidade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, C. L. B. T. Abordagem Centrada na Pessoa: Pontos de Abertura e Visão Holística da Realidade. *Symposium*, Recife, v. 34, n. 1, jan. / jul., 1992.
- BOAINAIN, E. J. *Transcendendo: Tornar-se Transpessoal*. São Paulo, 1996. Dissertação - USP, 1996.
- CURY, V. E. *Abordagem Centrada na Pessoa : um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente*, Campinas, 1993. Tese - Unicamp, 1993.
- D'AMARAL, M. T. (org). *Contemporaneidade e novas tecnologias*. Petrópolis: vozes, 1996.
- FIGUEIREDO, L. C. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes; 1996.



- GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo : UNESP, 1991.
- HOLANDA, A. F. *Martin Buber e Carl Rogers : abordagem centrada na pessoa e filosofia dialógica em questão*. Brasília, 1993. Dissertação - UNB, 1993.
- MOREIRA, V. *Para Além da Pessoa: uma revisão crítica da psicoterapia de Carl Rogers*. São Paulo, 1990. Tese-PUCSP, 1990.
- PRIGOGINE, I. *O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo : UNESP, 1996.
- PRIGOGINE, I. *A Nova Aliança : Metamorfose da Ciência*. Brasília: UNB, 1991
- PRIGOGINE, I. Ilya Prigogine, O Arquiteto das "Estruturas Dissipativas" In Pessis - Pasternak, G. *Do Caos à Inteligência Artificial*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- PUENTE, M. de la. *Carl Rogers: De la Psychotherapie a L'enseignement*. Paris: EPI, 1973.
- ROGERS. C. R. Some New Challengs. *American Psychogist* , v. 28, n. 5, p. 379-387, 1973.
- ROGERS, C. R. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- ROGERS, C. R. *Um jeito de Ser*. São Paulo : EPU, 1983.
- ROGERS, C. R., Coulson, W. R. (org) . *O Homem e a Ciência do Homem*. Minas Gerais: Interlivros, 1973
- ROGERS, C. R. et al. *Em Busca de Vida : da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. São Paulo : Summus, 1983.
- ROGERS, C. R. Carl Rogers on the Development of the Person-Centered Approache. In: *Person-Centered Reviw*. Vol 1, no. 2, Agosto, 1986, p. 257-258;
- SCHNITMAN, D. F. ( org ) .*Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

Endereço para correspondência:  
Rua Arnóbio Marques, 245 - Boa Vista  
Recife, PE  
CEP: 50100-130  
Fax : 81 - 222.5928  
E mail: tbarreto@elogica.com.br